



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/202305>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i35p58-73>

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by USP/ FFLCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

ALEGORIA, ESTILO E CRÍTICA DIALÉTICA EM FREDRIC JAMESON

Wibsson Lopes¹

Resumo: O artigo parte de uma leitura de duas das principais obras teóricas de Jameson, o livro *Marxism And Form* (1974) e o livro *Political Unconscious* (2006) para tentar compreender o que o autor entende por crítica dialética, ligada a uma ideia de estilo ou escrita dialética. Os conceitos de ideologia e alegoria são fundamentais nessa empreitada, como pretendemos mostrar através de uma apresentação do método construído por Jameson em sua obra *Political Unconscious* e subsequentemente repensado e aprimorado até seus trabalhos mais atuais. Passamos também por alguns leitores e comentaristas da obra de Jameson para enriquecer a visão sobre esse autor que apresenta um exemplo de crítica e interpretação inspirada no marxismo e na dialética hegeliana.

Palavras-Chave: Alegoria, Ideologia, Crítica Dialética, Estilo.

ALLEGORY, STYLE AND DIALECTICAL CRITICISM IN FREDRIC JAMESON

Abstract: The article starts from a reading of two of Jameson's main theoretical works, the book *Marxism And Form* (1974) and the book *Political Unconscious* (1981) to try to comprehend what the author understands by dialectical criticism, linked to an idea of dialectical style or writing. The concepts of ideology and allegory are fundamental in this endeavor, as we intend to show through a presentation of the method constructed by Jameson in his work *Political Unconscious* and subsequently rethought and refined until his most current works. We also go through some readers and commentators of Jameson's work to enrich the view of this author who presents an example of criticism and interpretation inspired by Marxism and Hegelian dialectics.

Keywords: Allegory, Ideology, Dialectical criticism, Style.

Introdução

A angústia que percorre a tentativa de descrever ou apresentar qualquer contribuição de Jameson é aquela velha conhecida angústia dialética de sentir a necessidade de dizer tudo ao mesmo tempo, em um espaço que parece impossível de comportar todo o objeto. Uma outra dificuldade, relacionada a essa, diz respeito ao estilo condicional e alusivo de Jameson. Benjamin Kunkel nos parece correto ao

¹Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: wibsson@gmail.com

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

salientar que seus ensaios “também pareciam ser prelúdios, prolegômenos a trabalhos ainda a se fazer” (KUNKEL, 2014, Epub, tradução nossa). Essa afirmação também deve ser levada em conta diante do fato de que a obra de Jameson, nos parece, entrega algo diferente do que ela propõe diversas vezes, a diferença sendo uma tentativa de desbloquear o marxismo. Seus trabalhos são todos, ao final, exercícios em torno das possibilidades da dialética após os ataques que ela sofreu por parte do pós-estruturalismo e do pensamento de direita, neoliberal e/ou conservador estadunidense. Quando fala de Theodor Adorno em *Marxismo e Forma* (1974), Jameson visualiza no autor alemão uma escrita dialética em operação que ambiciona reunir em uma mesma frase mundos aparentemente incomensuráveis, manter a obra individual e o todo coletivo dentro de uma mesma reflexão. Podemos usar tais palavras para nos referir à obra do próprio Jameson. Pensando essa frase dialética, Steve Helmling (2001) afirma que o movimento fundamental na escrita desse autor é a dialética entre sucesso e fracasso; em toda a sua obra se encontra de modo subjacente o drama entre esses dois movimentos.

Está sempre colocada em questão a possibilidade da crítica no mundo presente, a capacidade do pensamento de dizer o indizível, de representar aquilo que é impossível de ser representado. A escrita de Jameson “sofre” o peso da conjuntura e o carrega, “como se as dificuldades do nosso momento histórico estivessem a transmitir a sua força a cada frase que ele escreve — e isto, a meu ver, é o peculiar ‘sucesso’ de Jameson, o que torna a sua escrita potente e convincente mesmo para muitos que não partilham o seu compromisso marxista”. (HELMILING, 2001, p. 3, tradução nossa). Suas frases servem como a arena onde são transpostos os embates que o crítico enxerga como presentes nos objetos e na realidade que ele está analisando, o fracasso da esquerda e das revoluções ao longo do século XX é tragado para dentro de uma escrita que se expressa de forma dramática. Um impulso de insatisfação guia seu texto, bem como uma recusa a apresentar soluções fáceis para os dilemas da realidade e da arte, optando por performar estes dilemas, como se apresentar a impossibilidade fosse a única forma, em uma situação histórica tão fechada, de adquirir algum sucesso. Há uma conexão entre o marxismo de Jameson e a derrota do socialismo nos anos 1980. Giovanna Marcelino (2021) vê essa conexão na própria existência de uma renovação do marxismo ocidental representada pela figura do teórico estadunidense. O teórico ou acadêmico, nessa quadra histórica, substitui o dirigente político atrelado ao partido em importância para a vigoração do marxismo, este sendo agora uma ferramenta de alta capacidade analítica, capaz de dar conta de áreas como a ética, a estética e a filosofia especulativa, mas capenga com relação a processos de organização e luta. Marcelino nota também que a posição geográfica de Jameson denota uma mudança no centro de gravidade do marxismo, que sai da Europa para a América do Norte, refletindo um processo de globalização no qual as Universidades Americanas passam a exercer um poder inquestionável do ponto de vista cultural e pedagógico sobre o resto do mundo (2021, p.30). Marcelino

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

também ressalta como, diferente de Marx e Lukács, a obra de Jameson se situa em uma situação não-revolucionária, onde um projeto firme de alternativa ao capitalismo não está em perspectiva como na comuna de Paris ou na Revolução Russa, o que faz com que sua obra reflita esse momento de expectativas decrescentes e de falta de alternativas positivas ou partidos revolucionários (2021, p.43). Seria interessante pensar, então, como a crise de 2008 e os movimentos que se seguiram após o Occupy podem ter afetado o pensamento de Jameson sem com que este percebesse, ou, em uma outra perspectiva, como esse novo momento político pode ter aberto outros caminhos para continuar as pesquisas e insights de Jameson

Estilo dialético, crítica dialética

A frase dialética possui na concepção de Jameson um teor totalizante, há uma urgência em dizer tudo. Em uma primeira definição da crítica dialética marxista, vemos o autor nos dizer que esta elimina a ideia de análises a partir de categorias preestabelecidas: "Para uma crítica genuinamente dialética, de fato, não pode haver categorias de análise pré-estabelecidas: na medida em que cada obra é o resultado final de uma espécie de lógica interior ou desenvolvimento no seu próprio conteúdo, ela evolui as suas próprias categorias e dita os termos específicos da sua própria interpretação". (JAMESON, 1974, p.333, tradução nossa). A essência do método dialético aparece "como um escândalo para a racionalidade estática, o seu movimento interno dramatiza o elo irresistível entre um conceito formal e aquela realidade histórica em que ele se originou". (JAMESON, 1974, p.335, tradução nossa).

Para Jameson, "as melhores análises dialéticas mostram não tanto que a realidade social externa causa um tipo particular de pensamento, mas que lhe impõe, quase a priori, limitações internas básicas". (JAMESON, 1974, p.264, tradução nossa). Abre-se aqui um espaço para pensar a relação entre ontologia e história, entre o psicológico e o social, entre o interior e o exterior, o universal e o particular, com todas as dificuldades envolvidas em tal forma de pensamento. No presente isso se agrava no sentido de que parece cada vez mais impossível, na leitura de Jameson, explicar o nosso tempo em termos narrativos.

Também já em *Marxism and Form* temos um primeiro vislumbre da compreensão do marxismo como um mecanismo de retificações a modelos filosóficos anteriores, corrigindo-os e aprimorando-os. A dialética marxista visa nos jogar fora da realidade de nossos próprios conceitos em direção a uma nova concepção da realidade; mas isso nunca acontece integralmente (ou seria uma versão de um positivismo), portanto a dialética é sempre processo. Já é possível ler aqui a antecipação de uma questão que será melhor desenvolvida em *The Political Unconscious*, a ideia de que é legítimo perceber a obra de arte como um ato socialmente simbólico, a possibilidade de uma arte que não só resolva conflitos

35 *ir* criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

impossíveis na realidade, mas uma arte profética, que idealiza soluções de problemas futuros (esta ideia profética, nos parece, será abandonada nas obras subsequentes). Mas o mais interessante aqui é como Jameson apresenta pela primeira vez sua visão das contradições como variações em torno de um modelo comum: “História é de fato precisamente esta obrigação de multiplicar os horizontes em que o objeto é mantido, multiplicar as perspectivas com as quais ele é visto” (JAMESON, 1974, p.390, tradução nossa). Isto significa que perceber algo como inerentemente progressista ou reacionário é equivocado, e muito melhor é enxergar os objetos ou fenômenos como parte de um continuum.

Por fim, Jameson conclui essa primeira exposição de seu método e concepção de marxismo apresentando a ideia de que o movimento de uma crítica marxista é sempre o de ir em direção a uma realidade mais vasta à qual a obra se articula e, a depender do estágio interpretativo alcançado, a forma e o conteúdo trocam de posição na análise; a forma é conteúdo disfarçado, o conteúdo é expressão da forma. Jameson até esse momento concebe a atividade crítica como uma prática que não é exatamente a de interpretação, mas sim uma restauração da sua experiência original, um desvelamento daquilo que foi encoberto por censuras que deram origem à obra em questão e distorceram seu conteúdo. A crítica é instada a articular a obra com um todo, tornando essa relação novamente visível. Jameson vê no período em que escrevia sua primeira grande obra de fôlego, que “As obras da cultura chegam até nós como sinais em um código esquecido, como sintomas de doenças já nem sequer reconhecidas como tal, como fragmentos de uma totalidade que já há muito perdemos os órgãos para ver”. O fato literário “clama por interpretação, por decifração, por diagnósticos.” (JAMESON, 1974, p.416, tradução nossa).

Tally Jr. indica o modo como funciona a relação de Jameson com a teoria contemporânea. Não é só que ele é um teórico “up-to-date”, que está sempre em diálogo com os movimentos contemporâneos da teoria (e ele está), mas sim que ele o faz sempre tendo como âncora, como núcleo central, sua base no marxismo e na teoria crítica. Há uma fundação estável de seu pensamento que é a filosofia de Lukács, Althusser, Hegel, Adorno e outros, uma base que acolhe os giros para os afetos, para o pós-estruturalismo ou para a World Literature, fazendo com que seu pensamento seja ao mesmo tempo contemporâneo e deslocado, aparentemente fora de lugar (TALLY JR., 2017).

E qual o projeto central do crítico, nessa perspectiva jamesoniana? Para Tally Jr., a função do teórico literário não é, como nos filósofos, determinar o que nós podemos saber ou não, mas, “descobrir o que podemos narrar naquilo que pensamos”. (TALLY JR., 2017, epub, tradução nossa). O compromisso de Jameson é com a narrativa como forma epistemológica, como maneira de apreender o mundo. Outro ponto que Tally Jr. destaca é que Jameson sempre se aproxima das obras da cultura em geral como um teórico da literatura; isto é, a sua atenção maior

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

está nos aspectos de forma narrativa, uma consequência com a qual teremos de lidar como também um limite do pensamento de Jameson.

Sobre a dificuldade do estilo de Jameson, Tally Jr. ressalta dois pontos que devem ser levantados. O primeiro é que muitas vezes atribuir uma dificuldade à prosa de Jameson vem imbuída de uma valoração, como se essa dificuldade fosse um capricho, como se fosse desnecessário ou algo que depusesse contra o pensamento de que sua escrita fosse tão difícil. Tally Jr. observa corretamente a dimensão de prazer que existe nessa escrita e nessa dificuldade, o prazer análogo ao de superar um problema matemático difícil ou realizar um grande esforço físico, a satisfação de uma barreira superada. O prazer do texto vem justamente dessa dificuldade sobrepujada, dessa dimensão de desafio. O segundo é que Jameson é um escritor influenciado pelo modernismo de uma forma que foi subestimada na apreciação de seu estilo. Tão importante quanto figuras teóricas como Adorno e Hegel, a figura de Faulkner é fundamental para entender o estilo de Jameson e suas frases longas. Essas frases faulknerianas, para Tally Jr., “podem dizer-se representativas de um tipo de unidade entre forma e conteúdo em seu projeto de crítica dialética” (TALLY JR., 2017, epub, tradução nossa). Essas frases longas buscam “fazer conexões”, o que para Tally Jr. é uma das tarefas fundamentais de uma crítica dialética (2017), além de, como nas frases longas faulknerianas, serem uma forma privilegiada de se deixar fazer sentir o peso do tempo.

Para Homer, Jameson sempre se comunica com ao menos dois públicos distintos em seus livros, um público acadêmico, ligado à universidade, e um outro grupo político, externo as intenções do texto. Em *Marxism and Form*, obra clássica, há ao menos dois interesses distintos em operação: apresentar a teoria crítica para o ambiente universitário estadunidense, de um lado, mas ao mesmo tempo construir as bases para uma nova cultura teórica marxista nos Estados Unidos que possibilite a formação de uma nova práxis, de maneira geral. Para isso, Jameson trava uma espécie de confronto com a filosofia anglo-saxã e o positivismo dominantes na universidade americana da época de lançamento do livro, mas isso não ocorre através de um debate de ideias, mas através de uma performatividade do estilo Jamesoniano e de suas frases, que não perseguem uma expressão clara ou direta, mas, muito pelo contrário, buscam tentar encenar a dificuldade do objeto dentro do próprio gesto de escrita sobre ele, como se trouxesse para o texto o peso e a complexidade do que está sendo analisado, em um gesto de escrita dialética (HOMER, 1998, p.14-15). Podemos pensar como, com esse gesto, Jameson realiza uma crítica *avant la lettre* a virada da post-theory, com seu pensamento anti-especulativo.

Sobre o Inconsciente Político

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

Podemos ler *The Political Unconscious*, segunda grande obra teórica de Jameson, como um refinamento das questões que já apareciam em *Marxism and Form*. Julgamos que aqui está presente o método de análise que vai guiar grande parte de suas intervenções. Portanto, vamos acompanhar com mais calma a linha argumentativa do primeiro capítulo, o ensaio de maior fôlego do livro, intitulado “On Interpretation: Literature as a Socially Symbolic Act”.

Até hoje a abertura de *The Political Unconscious* funciona, na obra de Jameson, como uma de suas grandes cartas de intenção: “Sempre Historicizar!” (JAMESON, 2007, p.ix) é o grande lema não só desta, mas de toda a sua escrita. Aqui, Jameson faz de forma mais heróica uma afirmação em defesa do marxismo como teoria — sua ambição deve ser medida, é claro, tendo em mente o contexto histórico em que a obra foi publicada, em meio a um momento no qual o governo Reagan já estava massacrando os resíduos de marxismo ainda presentes na política de massas, enquanto que as universidades eram tomadas de assalto pela French Theory e pela desconstrução em particular, o que tornava o abraço à dialética na época a defesa de algo tido como um “cachorro morto” em sentido acadêmico e político.

A premissa metodológica de *The Political Unconscious* é a de que nunca analisamos a obra de arte pura, diretamente sem mediações, mas sempre nos confrontamos com os textos e materiais interpretativos legados pela tradição. Lemos e analisamos um debate corrente ao longo da história, o acúmulo de textos e reflexões que a obra carrega consigo. Mesmo quando estamos diante de um texto novo, as camadas de sedimentação de antigos textos estarão lá, na forma de procedimentos, de protocolos envolvendo os gêneros textuais com os quais a obra lida, as semelhanças com outras obras etc

Esse pressuposto dita então o uso de um método (que em outro lugar em batizei de “metacomentário”) de acordo com o qual nosso objeto de estudo é menos o texto em si do que as interpretações através das quais nós tentamos nos confrontar e nos apropriar dele. A interpretação é aqui construída como um ato essencialmente alegórico, que consiste em reescrever um dado texto em termos de um código interpretativo particular. (JAMESON 2006, p.x).

É assim que Jameson entende o ofício crítico-interpretativo, observando o que foi escrito previamente sobre eles, observando a historicidade dos gêneros com que os artefatos culturais trabalham, observando os discursos e formas que eles veiculam, aproximando-os da história da arte e da literatura. Para Jameson, toda interpretação pressupõe um encontro com um código mestre, seja ele a filosofia heideggeriana, a psicanálise, a semiótica, a ética de Spinoza etc. O marxismo porém, aparece como um tipo de discurso que atua de forma a suplantar os pontos cegos dos outros discursos teóricos. É como se cada discurso cobrisse uma área ou aspecto da vida

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

fragmentada no capitalismo tardio, e sendo com isso válida na sua área de delimitação, mas o marxismo, por lidar diretamente com a História enquanto uma causa ausente — de forma semelhante ao Real laciano — ou com uma ideia de totalidade, além de tomar como objeto o capital e as relações de troca capitalistas, fosse por isso capaz de abarcar todas as outras teorias, presas a momentos parciais e circunscritos da realidade, e facilitar o processo de transcodificar os resultados de uma teoria para outra. Além disso, o marxismo aparece como a única teoria da história digna de crédito com a falência dos projetos liberais de progresso, a evidente relativização da escatologia cristã após o iluminismo etc. Outro ponto importante de sua argumentação é a premissa de que todo modelo hermenêutico e toda teoria de modo geral possui de modo subjacente ou explícito uma teoria da história. Sua preocupação em reconstruir uma teoria da história marxista que fuja dos dogmas stalinistas ainda com alguma força no período é impressionante, levando-o a lidar com elementos à época dos mais questionáveis dentro da Teoria Marxista — essencialmente o conceito de Modo de Produção e suas sucessões históricas — para no final apresentar um arcabouço sólido e convincente. O gesto interpretativo, no final das contas, recebe a missão de desvelar ou trazer à tona uma verdade central da história onde ela parecia oculta: a luta de classes.

O edifício teórico que Jameson quer construir em *The Political Unconscious* envolve portanto uma nova filosofia da história ou um edifício hermenêutico capaz de preencher o espaço entre o individual e o social, ou entre o psicológico e o histórico, um problema que ocupa Jameson desde os capítulos concernentes a uma hermenêutica marxista em *Marxism and Form*. Esse intervalo entre moral e história deve ser ultrapassado por um método que não entenda os textos separados entre aqueles textos que são sociais e políticos e aqueles que não o são, mas perceba a natureza político-social de todo fenômeno narrativo. As análises de Jameson conduzem, a partir dessa perspectiva, a exibição dos artefatos culturais como atos socialmente simbólicos, como resoluções simbólicas de conflitos reais presentes na sociedade. É de uma crítica ideológica marxista altamente sofisticada que falamos quando olhamos para o método de Jameson nesse trabalho.

Jameson propõe um trabalho de transcodificação, trazendo à baila o procedimento de leitura hermenêutica bíblica como primeiro grande método de leitura alegórica, no qual os níveis servem menos para fechar os sentidos de um texto e mais como uma forma de abertura, como uma maneira de criar futuros investimentos ideológicos de diferentes leituras (Jameson, 2006, p.14). Os quatro níveis de leitura são:

- a) Literal; o sentido textual ou histórico referente, primário;
- b) Alegórico: o Sentido que fornece a chave interpretativa; nos exemplos bíblicos, em que o Velho testamento prefigura o novo, pode ser entendido como a

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

matriz na qual esses dois textos podem ser relacionados, como cada texto serve de informação em relação ao outro; daí se depreende o terceiro e o quarto nível;

c) Moral: o nível biográfico, no exemplo bíblico, o sentido oriundo das reflexões sobre as ações da vida individual de Cristo, o sentido no qual os fenômenos e narrativas coletivas se transferem para um corpo singular, para a dimensão de valores etc.; a partir desse nível, torna-se possível que o texto se transforme em um aparato libidinal — noção que Jameson extrai da filosofia de Lyotard — onde o investimento ideológico pode acontecer, o crente pode reconhecer na vida de Cristo a sua vida individual, o leitor se relaciona com os desejos dos personagens; em suma, que o texto possa ser lido de forma psicológica;

d) Anagógico: o último sentido, no qual a esfera do biográfico remete novamente a História enquanto uma experiência coletiva acima dos indivíduos; na exegese bíblica, toda a narrativa que vai da origem até o Juízo final; o sentido político coletivo dos textos. De certo modo esse pode ser entendido como o sentido “final” dos textos, exceto que esse não é o ponto mais elevado, mas sim que existe uma contaminação, ou transversalidade entre um nível e outro.

Esses quatro níveis são uma maneira nova e durante muito tempo a mais elaborada que Jameson encontrou para resolver um problema central em seu pensamento, aquele em torno da incomensurabilidade entre os níveis da subjetividade individual e da histórica, as relações entre poética e política, psicológico e histórico, privado e público, particular e universal que já mencionamos quando falávamos de *Marxism and Form*. A História, dentro deste enquadramento, deve ser concebida como uma Causa Ausente, algo impossível de ser apreendido exceto a partir de sua textualização, melhor dizendo, sua narrativização, sua transformação em um texto escrito a ser decodificado pela análise alegórica, ela sim capaz de capturar o inconsciente político. Simplificando, a transcodificação de Jameson aqui opera fazendo com que a História funcione em seus textos exatamente como o Real para a psicanálise lacaniana.

Jameson resgata também o conceito de mediação, importante para a tradição marxista, mas rejeitado por alguns filósofos franceses contemporâneos como Althusser. Nas mãos de Jameson, a mediação se torna aquilo que ele passa a chamar de transcodificação:

transcodificação: como a invenção de um conjunto de termos, a escolha estratégica de um código particular ou linguagem, de tal forma que a mesma terminologia pode ser usada para analisar e articular dois tipos bem distintos de objetos ou “textos” ou dois níveis estruturais muito diferentes de realidade. Mediações são portanto um dispositivo do analista, onde a fragmentação e a autonomização, a compartimentalização e a especialização das várias regiões da vida

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

social (a separação, em outras palavras, do ideológico do político, do religioso do econômico, o fosso entre a vida diária e a prática de disciplinas acadêmicas) é ao menos localmente superado, por ocasião de uma análise particular (JAMESON, 2006, p.25).

Com a ajuda da noção althusseriana de semi-autonomia, nesse cenário, torna-se possível relacionar aquilo que é diferente, aquilo que parece pertencer a outro dos inúmeros códigos ou disciplinas que enxergamos de forma separada no capitalismo. Junto ao lema de “sempre historicizar”, presente na abertura do livro *Political Unconscious*, poderíamos dizer que subjaz um segundo lema, este de que a “diferença relaciona”, a ideia de que após quebrar a realidade em uma multiplicidade de códigos, esses códigos podem se agrupar em uma totalidade que funciona como uma abstração metodológica. Althusser não seria, nessa leitura particular de Jameson, exatamente um inimigo das mediações, mas sim das chamadas homologias, como no pensamento de Lucien Goldmann, cheio de isomorfismos e relações simples entre texto e realidade.

Saindo de Althusser, os outros nomes teóricos chamados à cena são os de Greimas, Freud, Northrop Frye, Lukács e Levi-Strauss, dentre outros. Cada um deles contribui para acrescentar um elemento novo à argumentação de Jameson. Greimas e seu modelo dos quadrados semióticos aparecem como uma maneira de demonstrar as restrições ideológicas de uma época, os limites do pensamento de um determinado período, aquilo que os textos e teorias não podem pensar. O conceito de totalidade aparece, via Lukács, funcionando como um padrão metodológico, uma forma de desarmar justamente as estratégias de contenção ideológicas de uma época: mostrar onde a ideologia opera é mostrar onde ela impõe limites ao que pode ser narrado e feito, essencialmente como esses discursos e visões teóricas impedem que a totalidade seja pensada enquanto tal.

A psicanálise, julgada como o sistema interpretativo mais elaborado e influente do período contemporâneo, praticamente o maior desde a hermenêutica bíblica, é enxergada como resultado de um mundo reificado e abstrato, no qual elementos como a sexualidade humana podem ser separados em disciplinas e pensados à parte, levando então à capacidade de elevar o desejo ao posto de problema central para o pensamento. O desejo será este primeiro grande elo entre os níveis moral/psicológico e anagógico na versão de Jameson dos quatro níveis alegóricos.

Instaurada a psicanálise no cenário, é a vez do sistema de arquétipos de Northrop Frye ser convocado, ele próprio um sistema semelhante à tradicional leitura bíblica. Com Frye, o desejo pode ser pensado melhor fora da esfera individual, com seus esquemas que evocam os grandes desejos coletivos de uma sociedade, por meio de sistemas como os religiosos, onde a sociedade pensa coletivamente a si mesma. Devidamente estabelecida a relação entre teologia e psicanálise, o marxismo é utilizado para corrigir o sistema de arquétipos de Frye, retomando a primazia

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

medieval do anagógico sobre o moral — simplificando a discussão, em Frye o último nível é uma inversão da tradição medieval, ao invés de termos o nível anagógico, ou histórico, o último é o moral ou psicológico, onde a sociedade é percebida como um grande corpo cósmico, coletivo; portanto, retornamos ao exemplo moral, individual, subjetivo em um movimento ideológico de celebração da vida individual. Uma hermenêutica marxista retoma o projeto medieval, fazendo que a libertação individual faça parte de um momento social mais amplo.

Finalmente, a terceira e última seção do capítulo organiza essas contribuições teóricas em termos de marxismo. O texto ou obra de arte analisada, conforme o método de Jameson, ganha outras facetas na medida em que o nível da análise se transforma. Em primeiro lugar, o texto é observado no tempo da conjuntura política, da curta duração, onde é lido como uma solução simbólica para antagonismos sociais. Quando passamos ao segundo nível, começamos a ver o modo como os textos (agora entendidos como ideologemas) são expressões de um discurso coletivo ou de classes, uma relação que é sempre dicotômica. Nenhum discurso existe sozinho, mas como resposta a outra classe, no sentido de que eles são ou o produto de um efeito de legitimação, ou de insubordinação e resistência. Todo texto ideológico está em relação dialógica com outra classe. Por fim, o último nível é percebido quando se entende que as classes em disputa dividem um terreno maior, comum, uma unidade mais ampla, histórica. Esta unidade será o que Jameson vai chamar de modos de produção. O ato interpretativo agora verá os textos em termos de revolução cultural, um fenômeno que será importante para as análises de alguns filmes e livros de Jameson. No vocabulário político marxista, uma revolução cultural é entendida como um fenômeno de transição, que dura um curto período, o que não é o caso aqui. É como se sempre estivéssemos vivendo e lidando com revoluções culturais² e processos longos de transformações e choques entre modos de produção antigos e novos. A ideologia da forma permite então olharmos para um texto e enxergar nele os sedimentos de modos de produção passados e indícios de modos por vir, elementos residuais de outras formas de sociabilidade que mal conseguimos especular.

Apresentamos aqui uma leitura resumida e focada nas referências mais imediatas que Jameson propõe, mas certamente mais explorações poderiam detectar ressonâncias com diversos outros textos clássicos do marxismo. Gruner, por exemplo, observa como na origem do conceito de inconsciente político jamesoniano está a reflexão de Benjamin no ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* e o conceito de inconsciente óptico, assim como a ideia de inconsciente lógico de Levi-Strauss, concluindo que “o conceito de Jameson é um tipo de condensação complexa que articula a pulsionalidade do desejo, as operações do olhar (e por extensão da leitura e da escrita) e as do conhecimento; sendo as três, como o seu nome o indica, operações inconscientes, e, por tanto (nisso Jameson permanece estritamente leal a

² Em *Valences of Dialectic* (2010), há um capítulo inteiro dedicado à definição de Revolução Cultural utilizada por Jameson em sua obra.

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

Freud) parciais ou totalmente reprimidas (GRUNER, 2020, p.108, tradução nossa). Gruner também faz questão de enfatizar que o terreno em que o inconsciente político intervém na luta de classes é o da luta ideológica “como a forma simbólica da luta de classes no campo das “textualidades” da cultura”(GRUNER, 2020, p.109, tradução nossa). Além disso, Gruner não deixa de lembrar que os conflitos do inconsciente político “fazem sintoma”, furam as repressões e bloqueios e se expressam de forma distorcida, desviada, não só, mas também nos artefatos culturais. Jameson substitui o materialismo vulgar e teorias que veriam nas obras de arte e da cultura “reflexos” da base econômica por um método de leitura que recorre a elementos da psicanálise, captando “o valor sintomático dos textos, seu caráter de campo de batalha entre as ‘pulsões’ e as estratégias de contenção em que consiste o inconsciente político” (GRUNER, 2020, p.111, tradução nossa). Isso não quer dizer que conceitos e categorias do marxismo tradicional e de nomes como Lukács sejam abandonadas por Jameson, como por exemplo o conceito de totalidade, ou modo de produção, que se perderiam em leituras desconstrucionistas ou deleuzianas. O que há é uma acomodação e uma formação de um arcabouço teórico particular que lê nos textos “os sintomas de formas do *conflito* entre as partes e a totalidade” (GRUNER, 2020, p.114, tradução nossa).

Seria fácil confundir a ideia de inconsciente político com a de um inconsciente coletivo Junguiano, mas Jameson se afasta desse tipo de definição e se aproxima de Lacan. Seu método de leitura e interpretação se dá a partir da visualização dos textos como alegorias que expressam os conflitos na totalidade, entre os grupos, e mesmo internos aos sujeitos. A psicanálise lacaniana, porém, tão próxima de Althusser e da teoria francesa mobilizada no artigo, contraditoriamente, ocupa uma função paralela ou complementar ao desenvolvimento teórico empreendido. Jameson prefere abraçar a psicanálise de forma ampla, partindo de Freud até Lacan, mas incorporando também seus críticos, como Deleuze. A postura ecumênica adotada no livro implica não numa adesão total a Lacan³ e a sua noção de inconsciente, mas a um acompanhamento, uma comunicação e complementaridade. O curioso é que Lacan nos parece o tempo todo muito próximo no texto, mas nunca há uma demarcação dessa proximidade. Diríamos, com Fabio Durão, que o conceito de Inconsciente Político não chega a ser definido no livro, apenas em uma nota de rodapé à página 19 da edição americana, quando Jameson trata do Capital de Marx, que “deixa transparecer que o inconsciente político é função da vivência da Necessidade em embate com o Desejo, que como uma constante identifica-se (pelo menos até o momento) com a história da

³ Mas não deve deixar escapar que o diálogo de Jameson com Lacan é constante. Ele é lido e debatido em obras como *Prison-House of Language* (1972); *Ideologies of Theory* (2008) e seus conceitos são evocados em muitos outros ensaios de Jameson. O que acontece, insistimos, é que Jameson resiste a uma filiação explícita aos conceitos lacanianos, como forma de manter em aberto o diálogo com outros autores, tais como Deleuze e Sarte, que podem representar uma rivalidade com o psicanalista francês. Jameson não é um laciano, pois isto talvez dificultasse ou até mesmo impossibilitasse o seu ecumenismo teórico.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

humanidade” (DURÃO, 1997, p.47). Mas, e aí torna-se explícita a influência de Lacan, a História, dentro da obra *O Inconsciente Político*, pode ser tomada como o real lacaniano, algo que não pode ser diretamente apreendido e resiste a ser inscrito no simbólico; a História é como uma ausência, da qual o intérprete se aproxima assintoticamente ao ler os textos da cultura (DURÃO, 1997, p. 48).

Transversalidade

Não há dúvidas de que Jameson é o maior e mais importante crítico e teórico literário marxista vivo, fundamental para a existência desse projeto teórico político em nossos tempos. Com o lançamento de *Allegory and Ideology* (2019), seu último livro de fôlego sobre o tema, e a comemoração dos 40 anos de *Political Unconscious*, novas rodadas de discussão se iniciaram sobre a obra desse autor, um esforço que, para além das efemérides e lançamentos, já vem se dando há algum tempo por uma leva de novos pesquisadores como Sianne Ngai, Daniel Hartley, Caroline Lesjak, a brasileira Maria Elisa Cevasco, uma das mais importantes divulgadores da obra de Jameson no Brasil e tantos outros, em um cenário no qual Jameson tem sido constantemente o alvo privilegiado de ataques por parte de movimentos como a Post-theory de David Bordwell, a post-critique de Rita Felski (2017), entre outros teóricos e movimentos.

Em *Allegory and Ideology*, Jameson passa a limpo sua teoria diante das várias críticas e comentários que recebeu, tomando como mote também uma história pensada a partir da literatura como o desaparecimento da personificação, ou da ideia burguesa de sujeito, em uma teoria que se coaduna com um ataque ao humanismo, em especial no que diz respeito a formas de interpretação presas ainda a metafísica. Nesse livro Jameson ataca modelos alegóricos anteriores ao seu, os esquemas de dois e três níveis usados ao longo da história desde antes do período homérico, negados justamente por recaírem em uma construção de sentido simples e fechado, geralmente metafísico-humanista, tributário de uma concepção de natureza humana, enquanto o seu esquema de quatro níveis possibilitaria a problematização do sentido e a coexistência de múltiplas visões e perspectivas dentro de uma mesma obra, além de uma possibilidade de sistematização. Pode parecer estranho, mas é como se Jameson promettesse uma forma de interpretar que desafiasse a ideia corrente de interpretação, uma forma de leitura que rejeita a ideia de um ponto final no processo de leitura, mas que ainda assim se propõe a sistematizar e tentar explicitar as possibilidades presentes em cada obra. Para isso, Jameson se apropria também agora da noção de transversalidade, que toma emprestado do filósofo e psicanalista Félix Guattari, entendendo que em seus quatro níveis ocorre um processo de lateralidade no qual os diversos níveis podem se combinar, se mesclar ou se permutar, constituindo não um esquema interpretativo rígido mas um campo de questões e

35 *criação e crítica*

Travessias da crítica na América Latina

problemáticas a serem desenvolvidas no corpo a corpo do crítico/teórico com a obra analisada. Guattari pensou o conceito de transversalidade em uma série de textos e conferências, posteriormente reunidas no livro *Psychoanalysis and transversality: Texts and interviews (1955-1971)* (GUATTARI, 2015). Contra a ideia de transferência, Guattari defendia uma forma de análise psicanalítica onde as próprias instituições da psicanálise e da psiquiatria entrassem em questão, análises em que os grupos em que o analisante estava inserido também fizessem parte da reflexão, que envolvia uma avaliação do próprio analista. Para Romagnoli e Simonini, a ideia de transversalidade permitia que a análise fosse além de uma redução ao psiquismo e ao esquematismo do complexo de Édipo (2018). Esse método se aproxima em linhas gerais da postura interpretativa de Jameson, que sempre defendeu em sua obra que toda interpretação deve oferecer uma justificativa para a sua existência, sendo assim um metacomentário, ou um pensamento elevado à segunda potência sempre, dialeticamente auto-reflexivo. A apropriação dessa ideia de transversalidade faz com que exista uma contaminação entre os níveis, no caso de Jameson operacionalizando uma passagem entre o histórico, o alegórico, o subjetivo e o literal dentro dos textos, fazendo com que a interpretação flua de uma instância a outra sem com quem elas sejam vistas de forma congelada ou hipostasiada, mas através da máxima comunicação, com abertura a diferentes sentidos.

Diálogos com Roberto Schwarz e a French Theory

Por tudo isso que dissemos, fica clara que a relação de Jameson com a French Theory é muito mais tensa e ambivalente do que poderia parecer quando tomamos o crítico e teórico em sua imagem corrente, conhecido por sua relação com a dialética materialista, com A Teoria Crítica e com o pensamento hegeliano-marxista. De fato, esta é a tradição a que Jameson pertence, mas a sua estratégia de transcodificação envolve um constante jogo e diálogo com os teóricos de outras tradições. Ao invés de partir para um confronto com outras teorias, na busca por deslegitimá-las ou expor apenas suas fraquezas, Jameson prefere subsumi-las ou incorporá-las em seu movimento dialético, encontrando em nomes como Blanchot, Paul De Man e outros que poderiam parecer distantes de seu projeto, pontos de contato com a Teoria Crítica e com o marxismo. Através desses diálogos e transcodificações vemos como Jameson na verdade se aproxima da Teoria francesa contemporânea e como ela é fundamental para alavancar seu próprio pensamento.

Isso nos leva, para concluir, a pensar as aproximações e distâncias que existem entre Jameson e outro ensaísta fundamental, o crítico brasileiro Roberto Schwarz, um nome que se tornou com o passar dos anos uma referência não só latino-americana mas mundial para a Teoria Crítica e para o pensamento dialético. Schwarz e Jameson podem ser pensados em um primeiro momento como aliados, tendo

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

Jameson inclusive dedicou seu volume *Valences of Dialectic* ao ensaísta brasileiro. É notável como as duas obras se comunicam e os dois são leitores argutos de Adorno, Brecht, Lukács, Marcuse, Hegel, Benjamin, Kant e Marx, para ficar apenas nos exemplos europeus. Assim como em Jameson, encontramos em Schwarz uma combinação original dessas referências, sobretudo o rigor da frase adorniana com uma ironia e humor brechtianos, uma abertura ao riso. Em “19 princípios para a crítica literária” podemos acompanhar um forte indicativo dessa mordacidade:

10. Para as questões de ontologia, Wellek; para as de forma, Kayser, e ultimamente Todorov.
11. A psicanálise está menos superada que o marxismo, mas também é muito unilateral.
12. Não esqueça: o marxismo é um reducionismo, e está superado pelo estruturalismo, pela fenomenologia, pela estilística, pela nova crítica americana, pelo formalismo russo, pela crítica estética, pela lingüística e pela filosofia das formas simbólicas. (SCHWARZ, 2008, p.113).

O princípio de número 12, irreverente por si só, fica ainda mais cômico por conta de sua repetição, aparecendo antes no princípio de número 5 e no de número 8, ganhando ar de bordão cômico. Esse trecho também explicita o que nos parece a principal diferença entre Schwarz e Jameson. Enquanto o primeiro, assumindo posição irônica e irreverente, mas ainda assim de confronto, desconfia das ondas e modismos acadêmicos, como podemos ver por sua postura de desdém frente a correntes e escolas contemporâneas que teriam superado o dito reducionismo marxista, vimos como Jameson opta pela tradução entre teorias e códigos interpretativos distintos. Schwarz defende a atualidade e sofisticação do marxismo a partir de uma postura mais confrontativa, que julgamos também válida. Jameson, por sua vez, embora não abra mão do conflito e da explicitação das divergências e contradições, se move, no nosso entendimento, muito mais pelo meio do estabelecimento de pontes, diálogos e caminhos de contato entre correntes tidas a princípio como divergentes. Com isso, Schwarz permanece ao longo de toda a sua obra tomando como referência aqueles autores que mencionamos, além de dialéticos brasileiros como Chico de Oliveira e Antônio Cândido, enquanto Jameson incorpora a seu campo de diálogos autores franceses como Deleuze, Foucault, Derrida e outros, não só criticando-os, mas muitas vezes absorvendo parte de seus conceitos e sugestões teóricas e epistemológicas. Dois caminhos diversos que mostram as possibilidades da Teoria crítica contemporânea.

35 *ir*criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

Conclusão

Melhor seria ver o método apresentado por Jameson não como uma receita pronta, mas como uma defesa da pertinência de certas questões diante de objetos literários, perguntas envolvendo sobretudo a ideologia, a história e a política. O debate a nosso ver deveria girar em torno da pertinência ou não dessas questões, além de ser louvável da parte de Jameson o esforço de organização e de explicitação dos seus pressupostos. Esse projeto dialoga e conflui para o de outros autores dialéticos como o brasileiro Roberto Schwarz, como tentamos apresentar, na tentativa de estabelecer mediações entre o estilo literário e a história, mas é visto de forma diferente se for tido não como um método final mas como um caminho, um conjunto de ferramentas para se estabelecer formas de leituras imanentes. Jameson, assim como Schwarz, embora por outro caminho, nos apresenta um guia, mas não um manual, sobre como fazer crítica literária materialista e dialética dialogando com diversas outras tradições e códigos interpretativos.

Referências

- DURÃO, Fabio Akcelrud. ***Uma leitura da dialética e a dialética do texto. Duas posições no debate da teoria literária contemporânea.*** 1997. 150p. Dissertação de Mestrado — IEL, Unicamp, 1997.
- GUATTARI Félix. ***Psychoanalysis and Transversality.*** Texts and interviews (1955-1971). Cambridge: MIT Press.
- Grüner, Eduardo. ***Inconsciente político y alegoría.*** p.107-119. In: Fredric Jameson: una poética de las formas sociales : claves conceptuales. Arán, Pampa Olga & Ponce, Ariel Gómez. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados, 2020.
- HELMING, Steve. ***The success and failure of Fredric Jameson: Writing, the Sublime and The Dialectic of Critic.*** New York: State University of New York Press, 2001.
- HOMER Sean. ***Fredric Jameson: Marxism, Hermeneutics, postmodernism.*** New York: Routledge, 1998.
- JAMESON, Fredric. ***Allegory and Ideology.*** London: Verso, 2019.
- JAMESON, Fredric. ***Marxism And Form: Twentieth-Century dialectical theories of literature.*** Princeton: Princeton University Press, 1974.
- JAMESON, Fredric. ***The Ideologies of Theory.*** London: Verso Books, 2008.
- JAMESON, Fredric. ***The Political Unconscious: narrative as a socially symbolic act.*** London: Routledge, 2006.
- JAMESON, Fredric. ***The Prison-House of Language. A critical Account of Structuralism and Russian Formalism.*** Princeton: Princeton University Press: 1972.

35 *ir* criação e crítica

Travessias da crítica na América Latina

JAMESON, Fredric. *Valences of dialectic*. London: Verso, 2010.

KUNKEL, Benjamin. *Utopia or Burst: A guide to the present Crisis*. London: Verso, 2014.

MARCELINO, Giovanna Henrique. **Marxismo e Modernidade em Fredric Jameson**. Campinas: Crítica Marxista, n.52, p.27-49, 2021.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; SIMONINI, Eduardo. **Transversalidade e esquizoanálise**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 915-929, dez. 2018.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

TALLY JR., Robert. **Fredric Jameson: The Project of dialectical criticism**. London: Pluto Press, 2014.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 08/07/2023